

A cura dos corpos através das receitas das boticas jesuíticas (Brasil, século XVIII)¹

João Paulo de Campos SILVA²

Maria Cristina GOBBI³

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Bauru, SP

RESUMO

Desde o século XVI a natureza do Brasil chamara a atenção dos homens que vieram para este lado do Atlântico, durante a colonização. De colonos a missionários, diversos habitantes do Brasil trataram de se inteirar da riqueza potencial da fauna e flora local, a fim de, entre outros objetivos, reunir um significativo arcabouço de referências e saberes, principalmente sobre os cuidados com a saúde e o corpo. Ao olhar diretamente para as receitas desenvolvidas nas boticas dos colégios da Bahia, Recife e Rio de Janeiro, busca-se compreender os processos comunicativos a partir dos pressupostos, argumentos e elementos descritos pelos religiosos como úteis, a maneira que os jesuítas se organizavam, produziam sentidos, compartilhavam os saberes e como os utilizavam no processo da conversão das almas, sendo a comunicação, chave para isto.

PALAVRAS-CHAVE: Brasil colônia; jesuítas; boticas; comunicação; disputas simbólicas.

INTRODUÇÃO

O presente artigo, fruto de resultados parciais de uma pesquisa mais ampla que está sendo desenvolvida no curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), pretende apresentar e discutir as práticas médicas exercidas pelos missionários jesuítas no Brasil colonial, sob a perspectiva das disputas simbólicas ali existentes, e nos usos e assimilações do saber local, num sentido de acumulação de poder simbólico, como proposto por Bourdieu (1989), e tendo a comunicação como articulação-chave para esta análise.

Desde o século XVI, as plantas do Brasil despertavam a curiosidade de colonos e missionários que, ainda que não fossem, por formação, “botânicos” ou “naturalistas”, registravam tudo o que encontravam de novo (DE ASSUNÇÃO, 2001, p. 225). Dos que se dedicaram a tomar essas notas, enfatizando, entre outros aspectos do cotidiano, as potencialidades da natureza dos trópicos, destacam-se nomes como Fernão Cardim e

¹ Trabalho apresentado no GT Pensamento Comunicacional, do PENSACOM BRASIL, realizado nos dias 7 e 8 de dezembro de 2022, no Sesc São Paulo.

² Mestrando do Curso de Comunicação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCom) da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC), da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), email: joao.campos@unesp.br.

³ Pesquisadora livre docente em História da Comunicação e da Cultura, professora do PPGCom da Unesp e orientadora do projeto, email: cristina.gobbi@unesp.br.

Manoel da Nóbrega que, junto do célebre missionário José de Anchieta, faziam parte da ‘empresa’ jesuíta (MARQUES, 1999). Ao longo de sua história de permanência no Império português – 1549 a 1759 – os missionários da Companhia de Jesus tiveram a oportunidade de reunir uma série de registros da flora e fauna local, além de anotações sobre seus usos, acumulando assim, um significativo arcabouço de referências sobre possíveis virtudes para os cuidados com a saúde e o corpo.

A motivação para tamanho empreendimento deu-se, principalmente, pelo estado precário dos quadros de saúde das pessoas que encontraram, sendo elas colonos, escravizados ou indígenas. Além disso, o próprio *habitus*⁴ dos missionários, levou-os a assumirem para si alguns cuidados sobre a saúde nas localidades onde haviam se estabelecido. Os altos preços das drogas europeias, o custoso transporte, aliados à dificuldade de encontrar ingredientes semelhantes, direcionaram os missionários ao escrutínio da fauna, flora e minerais do Novo Mundo para o fabrico de novas receitas (CALAINHO, 2005). Este novo saber não deixava de ser intermediado pelos indígenas, mas a consequente assimilação e reinterpretação segundo os valores europeus, pouco a pouco, fez da cura uma estratégia pela disputa da autoridade contra a figura dos pajés, dentro dos aldeamentos (GESTEIRA, 2004,). A disputa sobre a verdade da cura tinha sua importância devido ao valor dado a ela por aqueles que a recebiam e, além disso, no âmbito interno da Ordem missionária, essas disputas de poder relacionavam-se a sua missão civilizadora (GESTEIRA, 2004).

Mesmo com todo este empenho, os missionários não eram os únicos a lidar com a cura e o tratamento das diversas enfermidades que assolavam a colônia. Desde antes de sua chegada, em 1549, os colonos que aqui habitavam, não hesitavam em lançar mão dos conhecimentos indígenas, das curas africanas relacionadas à magia (EDLER, 2006), médicos (MACHADO, et al. 1978) e cirurgiões licenciados (WISSENBACH apud FERREIRA, 2002), mas mesmo assim, os inicianos foram conquistando destaque entre todos, pelas práticas exercidas em suas boticas (LEITE, S. (1956) apud LEITE, 2011. p. 12).

⁴ Neste contexto, compreendemos por *habitus* as colocações postas por Bourdieu (1989 e 2007) sobretudo no desenvolvimento dado ao tema nos capítulos “A gênese dos conceitos de *habitus* e de campo” e “Gênese e estrutura do Campo religioso”. Segundo Viviane M. Caminha São Bento (2015, p. 2), “Essa identidade se definiu pelo “modo de fazer ou agir”, uma vez que mesmo não sendo idênticos, os jesuítas agiam de modos semelhantes, sempre orientados pela noção de salvação do outro, que em última instância, implicava em sua própria salvação.”

Diante deste complexo quadro de saúde, os missionários foram levados, para além dos cuidados práticos, ao aperfeiçoamento de seus conhecimentos médicos e à produção de medicamentos a partir de ingredientes da terra, e conseqüentemente, isto abriu caminho para a formação de uma farmacopeia brasileira. Neste sentido, os missionários tornaram-se, também, produtores de um novo saber, cujos estabelecimentos e estruturas de organização da Ordem (os Colégios), serviram como “centros de produção”. Segundo Serafim Leite:

Os estabelecimentos, da Companhia, como produtores (não, apenas, como depósitos de consumo), existiram nos principais Colégios e alguns eram os laboratórios centrais do seu tempo, como o do Rio de Janeiro, que em 1706 provia de medicamentos as mais farmácias ou Boticas da cidade [...] (1953, p. 390).

Como fruto do empenho dos missionários em produzir, conhecer, e sobretudo, registrar os novos saberes adquiridos com o tempo, foi possível observar grandes coleções de receitas, produzidas com o intuito de reunir e preservar os conhecimentos médicos utilizados pelos mesmos. Dentre essas obras, destaca-se a *Coleção de várias receitas e segredos particulares da nossa Companhia de Portugal, da Índia, de Macau e do Brasil*, datada de 1766, compilada em Roma, menos de uma década após a expulsão dos missionários de terras brasileiras, em 1759.

Tomada como principal documento do *corpus* selecionado para este trabalho, a “Coleção...” inclui 248 receitas dos vários Colégios espalhados pelos territórios sob domínio português. Embora tenha obtido permissão para ser impresso, nunca foi publicado.⁵ As receitas presentes na “Coleção...” estão organizadas em ordem alfabética junto ao nome do autor - quando é identificado - e são divididas em quatro partes: ingredientes, modo de preparo, doses recomendadas e utilidade do medicamento. Aproximadamente 31 receitas são de autores estabelecidos à época, como João Curvo Semedo, creditado por 16 receitas, e João Cardoso de Miranda, com 5. O Colégio de Lisboa aparece com 9 receitas, 4 são do Colégio de Goa e outras 30 do Colégio de Macau. Das boticas brasileiras, que apresentam maior interesse para esta pesquisa, a “Coleção...” traz 48 produções, das quais 38 foram feitas no Colégio da Bahia, 8 no Colégio do Recife e 2 na botica do Colégio do Rio de Janeiro.

⁵ A primeira edição do documento foi recentemente lançada pelas Edições Loyola, em 2019.

IX PENSACOM BRASIL – 07 e 08 de dezembro de 2022

Dentro das formulações criadas e registradas pelos inicianos no Brasil, a Triaga Brasília, produzida pelos irmãos do Colégio de Salvador, destacou-se, alcançando enorme sucesso não só no Brasil, mas também na Europa, chegando a representar a segunda fonte de renda da Companhia de Jesus no Brasil. Baseada na antiga Triaga de Roma, a nova criação continha cerca de 58 ingredientes, 4 a menos que a fórmula original, deixando claro a adaptação de ingredientes – como as jararacas no lugar das víboras – e também a recorrência de elementos da flora local (LEITE, 2012).

Essas novas formulações são resultados das observações realizadas pelos jesuítas desde sua chegada ao Brasil, e esses escritos não eram motivados apenas por curiosidade, mas sim pela busca de compilação e propagação de novos conhecimentos dentro da Ordem (SÃO BENTO, 2015). É possível, também, assinalar que o manuscrito fora feito não somente na intenção de reunir e conservar as receitas elaboradas pela Ordem, mas também objetivando manter em segredos tais criações, para que não perdessem sua estima e viesse a prejudicar os rendimentos dos Colégios que as criaram. No prólogo da obra ao leitor, de autoria desconhecida, essa ideia fica bem explicitada:

[...] não fiz esta coleção de receitas particulares das nossas boticas senão para que não se perdessem tão bons segredos, e estes não andassem espalhados por todas as mãos; pois bem sabes que revelados estes, ainda que seja de uma botica para outra, perdem toda a sua estimação; e que, pelo contrário, o mesmo é estar em segredo qualquer receita experimentada, que fazerem dela todos em grande apreço e estima, com fama e lucro considerável da botica a que pertence. Pelo que lhe peço que seja muito acautelado e escrupuloso em não revelar alguns destes segredos; pois em consciência não se pode fazer, advertindo que são coisas estas da Religião, e não suas (COLEÇÃO, 2019, p. 23).

Diante das informações dispostas na “Coleção...” é possível observar uma maior preocupação com alguns males, como aqueles relacionados à pele e a fraqueza do estômago, com 8 receitas, e os males venéreos, como a sífilis (gálico), que dispunham de 7 receitas. É também notável a grande recorrência do uso de elementos locais, tanto na reprodução adaptada de receitas famosas, como na elaboração de originais. Nas 48 receitas feitas em território brasileiro podemos perceber esta presença de elementos endógenos; o Bálsamo do Brasil, por exemplo, aparece em cerca de cinco receitas; o almíscar, “Sangue coalhado que se encontra na bexiga de uma espécie de gazela ou de cabra montanhesa [...]” (COLEÇÃO, 2019, p. 243) se faz presente em seis.

A partir dessas informações obtidas como os resultados iniciais da pesquisa exploratória, documental e bibliográfica, é possível assinalar que o documento citado não se faz como sendo o único deste tipo, pois, por terem desde muito cedo assumido a responsabilidade do papel de boticários nos territórios onde se fixaram, estes homens registraram suas atividades relacionadas ao fabrico dos medicamentos, tendo outros documentos com essa mesma configuração⁶. Além disso, torna-se possível admitir que o manuscrito, tomado como objeto de análise, configura a cristalização das práticas de cuidado com a saúde e, por consequência, das disputas simbólicas imbuídas nessas práticas, que se atrelavam à missão evangelizadora.

METODOLOGIA

Ao olhar diretamente para as receitas desenvolvidas nos colégios jesuítas da Bahia, Recife e Rio de Janeiro, buscou-se compreender, sob a ótica dos registros, as principais doenças recorrentes, quais as ferramentas para tratá-las, e com isso observar nos processos comunicativos desenvolvidos, as disputas simbólicas em torno da catequização dos indígenas. O objetivo, portanto, é concernir, a partir dos pressupostos, argumentos e elementos descritos pelos religiosos como úteis, a maneira como se organizavam, produziam sentidos, compartilhavam os saberes sobre a flora, os corpos e os males da terra e, principalmente, como utilizavam estes saberes no processo da conversão das almas.

A análise empregada neste estudo vai ao encontro, metodologicamente, com as discussões propostas por J. B. Thompson ao discorrer sobre os usos e possibilidades da Hermenêutica de Profundidade (THOMPSON, 2011). Este referencial metodológico nos interessa, pois, seu enfoque baseia-se na elucidação das possibilidades de interpretações das formas simbólicas⁷ pelas pessoas que as produzem e as recebem no recorte selecionado. Buscar a compreensão dessas formas, possibilita observar, a partir da perspectiva das práticas de cuidados com a saúde, desenvolvidas pelos missionários e

⁶ Outros documentos com características próximas às da “Coleção...” foram encontrados posteriormente, como exemplo, podemos citar o *Formulário Médico: manuscrito atribuído aos jesuítas e encontrado em uma arca da Igreja de São Francisco de Curitiba*, datado de 1703 e publicado, também, em 2019. No “Formulário médico...” cada receita lista os ingredientes necessários, as instruções de preparo, o propósito e a maneira de utilizá-la. As receitas abrangem diversas soluções para doenças como varíola, sífilis e tuberculose, bem como remédios para sintomas comuns entre os residentes da Colônia, como azia, impotência, cólicas e dor de dente.

⁷ Thompson (2011, p. 184) define a Forma Simbólica como algo que, entre outras características, pode ser percebido como resultado da ação intencional de um agente.

cristalizadas na “Coleção...”, as disputas simbólicas no processo de catequização e conquista das almas dos indígenas.

Ao investigar tópicos metodológicos, J. B. Thompson, em sua obra “Ideologia e Cultura Moderna”, desenvolve argumentação específica acerca da análise de formas simbólicas, que procuraremos mobilizar no presente estudo. Este referencial, intitulado “Hermenêutica de Profundidade”, evidencia o caráter construtivo do objeto de análise – neste caso o manuscrito – o que o torna passível uma (re)interpretação. Apesar desta postulação, o autor reconhece que este método de análise, antes de se apresentar como uma alternativa totalizante aos outros métodos já utilizados, representa “[...] um referencial metodológico geral, dentro do qual alguns desses métodos [já estabelecidos no campo das Ciências Sociais e História] podem ser situados e ligados entre si” (THOMPSON, 2011, p. 356).

Inserida dentro da tradição hermenêutica, seus principais marcos teóricos encontram-se alicerçados sobre os trabalhos de Heidegger (1978), Gadamer (1975) e Ricoeur (1981), responsáveis pelas principais transformações neste campo de estudos ao longo do século XX. Segundo Thompson (2011), uma das principais características dos estudos das formas simbólicas está ancorado no fato destes significarem, antes de tudo, um problema de interpretação e compreensão, pois

[...] muitos fenômenos sociais são formas simbólicas e formas simbólicas são construções significativas que, embora possam ser analisadas pormenorizadamente por métodos formais ou objetivos, inevitavelmente apresentam problemas qualitativamente distintos [...] (THOMPSON, 2011, p. 358).

Neste sentido, a articulação das práticas da Hermenêutica de Profundidade (HP) no campo da investigação social e histórica mostra-se favorável, não somente pela natureza do objeto selecionado (fruto do trabalho realizado e da cultura material dos missionários). Mas igualmente pelo fato do mundo sócio-histórico não ser compreendido apenas como um campo-objeto, estático, engessado, mas como um campo-sujeito que se constrói por meios de outros sujeitos no percorrer de sua constituição.

Em linhas gerais, na proposta de Thompson (2011), o referencial metodológico da HP está estruturado em três etapas concomitantes, que devem ser entendidas como

“[...] dimensões analiticamente distintas de um processo interpretativo complexo” (2011, p. 365). Tais etapas, podem ser denominadas, segundo o autor, de Análise Sócio-Histórica, Análise Formal ou Discursiva e Interpretação/Reinterpretação.

Durante a etapa de Análise Sócio-Histórica,

A tarefa [...] é reconstruir as condições e contextos sócio-históricos de produção, circulação e recepção das formas simbólicas, examinar as regras e convenções, as relações sociais e instituições, e a distribuição de poder, recursos e oportunidades em virtude das quais esses contextos constroem campos diferenciados e socialmente estruturados (THOMPSON, 2011, p. 369).

Thompson elenca aspectos básicos dos contextos sociais: as situações espaço-temporais específicas em que as figuras simbólicas são produzidas, aqui tomam forma na análise histórica feita para delinear o quadro maior em que os missionários estavam inseridos no ambiente colonial do século XVIII; os campos de interação nos quais situam-se as formas simbólicas, neste caso, materializando-se nas relações estabelecidas ante a figura religiosa dos missionários, e à figura dos pajés, por exemplo; e por fim, as instituições sociais, que “[...] podem ser vistas como conjuntos relativamente estáveis de regras e recursos, juntamente com relações sociais que são estabelecidas por eles.” (2011, p. 367), que neste caso, exprime-se pelo contexto de influência estabelecido pela Igreja Católica, na figura dos missionários.

Durante a Análise Formal ou Discursiva, Thompson chama a atenção para a análise semiótica, entendida como “[...] o estudo das relações entre os elementos que compõem a forma simbólica, ou o signo, e das relações entre esses elementos e os do sistema mais amplo, do qual a forma simbólica, ou o signo, podem ser parte” (THOMPSON, 2011, p. 370). Aqui, a Análise Semiótica se torna ferramenta para o exame das características estruturais internas, elementos constitutivos e inter-relações entre as formas simbólicas, interligando-as aos sistemas e códigos onde encontram-se inseridos. Neste momento, utilizou-se da bibliografia estabelecida sobre a temática com o objetivo de cruzar com as informações contidas na “Coleção...” e extrair um entendimento mais significativo, principalmente naquilo que tange aos elementos utilizados e as práticas exercidas (ou seja, as formas simbólicas produzidas na prática).

Já na etapa final, chamada de interpretação/Reinterpretação, é o momento em que

[...] a interpretação implica um movimento novo de pensamento, ela procede por síntese, por construção criativa de possíveis significados. Este movimento de pensamento é um complemento necessário a análise formal ou discursiva. [...] Por mais rigorosos e sistemáticos que os métodos da Análise Formal ou Discursiva possam ser, eles não podem abolir a necessidade de uma construção criativa do significado, isto é, de uma explicação interpretativa do que está representado ou do que e dito (THOMPSON, 2011, p. 375).

Em outras palavras, é nesta etapa em que todos os elementos acumulados a partir das análises anteriores são dispostos em um quadro geral, e busca-se uma nova interpretação sobre os fenômenos observados. Neste sentido, Thompson ainda afirma:

O processo de interpretação, mediado pelos métodos do enfoque da HP, é simultaneamente um processo de reinterpretação. [...] as formas simbólicas que são objeto de interpretação são parte de um campo pré-interpretado [...] pelos sujeitos que constituem o mundo sócio-histórico. Ao desenvolver uma interpretação que é mediada pelos métodos do enfoque da HP, estamos reinterpretando um campo pré-interpretado; estamos projetando um significado possível que pode divergir do significado construído pelos sujeitos que constituem o mundo sócio-histórico. (THOMPSON, 2011, p. 376).

Dado o panorama histórico do *corpus* documental selecionado para este trabalho, somado também aos aspectos metodológicos aqui empregados, o procedimento histórico adotado de forma complementar baseia-se no conceito de "história lacunar" apresentado por Paul Veyne⁸ (1998, p. 26), e que se faz interessante pois reconhece que, ao trabalhar diretamente com os documentos, não é possível reconstruir a história de forma completa e precisa, mas sim, apenas aquilo que os documentos permitem saber.

Neste sentido, o objetivo não foi o de reconstituir os fatos passados de forma completa, mas antes, compreender a especificidade das ações dos missionários em terras brasileiras a partir das informações contidas nos documentos e na bibliografia selecionados. Dessa forma, o estudo não se propôs a apresentar uma narrativa completa e acabada da história sobre as disputas simbólicas, mas sim, uma análise crítica que

⁸ Paul Marie Veyne (1930-2022) foi um arqueólogo e historiador francês, especialista em história da antiguidade romana. Entre 1975 e 1999 foi titular da cátedra de história romana do Colégio da França. Em 1970 publicou seu ensaio *Como se escreve a história?*, e em 1978 revisou-o, adicionando o ensaio *Foucault revolucionou a história*, onde interpreta a obra de Michel Foucault como marco de uma transformação fundamental no pensamento histórico, modificando a perspectiva de análise, antes em objetos, agora para as práticas.

busca compreender o contexto e a complexidade das ações dos missionários e suas implicações na sociedade.

Por fim, com o intuito de ancorar o entendimento sobre os Campos Simbólicos, foi utilizado da compreensão dada por Pierre Bourdieu (1989; 2007) ao termo. Segundo ele, os sistemas simbólicos cumprem uma função política de instrumentos de imposição e legitimação da dominação, enquanto instrumentos estruturantes (BOURDIEU, 1989, p. 16) de comunicação e conhecimento.

A partir desta perspectiva foi possível analisar a “Coleção...” como um exemplar cristalizado das disputas em torno da esfera da saúde e, com isso, observar por meio das apropriações do saber indígena, o aumento da complexificação das relações entre os agentes produtores dos bens simbólicos correlatos à saúde – missionários, pajés, mezinheiros, parteiras entre outros - e a legitimação do saber religioso no território brasileiro no século XVIII. Neste ponto, das disputas de legitimação de práticas em torno dos processos de cura, se encontra o problema da presente pesquisa: como os jesuítas utilizavam da comunicação, como forma simbólica, dentro de sua estratégia de legitimação para a conversão indígena?

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A investigação bibliográfica, que aborda recorte temático aqui proposto, se mostra vasta e bem estabelecida; trabalhos acerca da história da medicina, da farmácia, dos boticários e seus equivalentes já são bem definidos dentro da historiografia.⁹ No que diz respeito à atuação destes missionários na América portuguesa, nos deparamos com diversas formas de avaliar sua ‘empresa’. Dada a importância que tiveram ao atuar diretamente no cotidiano da vida colonial, diversas esferas foram observadas, das quais sua presença se mostrou importante. Os estudos que deram o aporte necessário às conclusões dispostas neste trabalho, estão organizados em três eixos, complementares entre si, para se fazer possível uma compreensão mais completa do papel exercido por estes homens, com o objetivo de abranger suas ações na esfera espiritual, em conjunto com aquelas efetuadas na esfera secular e assim, melhor construir os questionamentos e possíveis respostas.

⁹ Aqui podemos citar os estudos elaborados por Vera Regina Beltrão Marques, Heloísa Gesteira, Bruno Martins Boto Leite, Jean Luiz Neves de Abreu, Lorelai Kury, entre outros, que foram utilizados para fundamentar a análise.

IX PENSACOM BRASIL – 07 e 08 de dezembro de 2022

Inicialmente, foi feita a análise de obras que trouxessem o cotidiano dos próprios missionários, dando prioridade a atuação destes em um sentido mais geral, para que dessa forma compreendêssemos seus modos de agir e interagir com o novo mundo ao seu redor. As Constituições da Companhia de Jesus (2004) são um documento fundamental para compreender as premissas e os princípios que regiam a ação dos missionários. Este documento estabelece as regras e diretrizes para a organização da companhia, incluindo a formação dos jesuítas, sua vida em comunidade e sua atuação como missionários. As obras do jesuíta e historiador Serafim Leite (1956) foram consideradas essenciais para nossos estudos, uma vez que suas produções pioneiras trazem um vasto acervo documental, incluindo cartas trocadas entre os jesuítas, que tratam de uma variedade de assuntos.

Com base nas obras selecionadas, foi possível compreender melhor a atuação em torno da saúde, por parte dos missionários jesuítas na colonização do novo mundo e em particular na América do Sul (GESTEIRA, 2004). As cartas trocadas revelam não só suas experiências diárias, mas também suas preocupações e estratégias para evangelizar as populações nativas. Foi observado que este espaço de correspondência entre o centro (Roma) e os membros dispersos (tanto nas ‘empresas’ no continente Americano, quanto àquelas dispostas na Ásia e África), configurou-se como uma ampla rede de poder, onde o novo conhecimento conquistado tinha seu preparo e ingredientes, muitas vezes, mantidos em segredo (SÃO BENTO, 2015).

Apesar dessa prática muito se alinhar com os costumes provenientes das condutas médicas europeias deste momento¹⁰, é importante destacar o fato que nas terras brasileiras, os cuidados com a saúde acabavam por tomar outros traços, que transpassaram o mero cuidado com o corpo, principalmente no que tange a questão do projeto catequético dos missionários. A arte de curar, assumia contornos políticos importantes, considerando a autoridade assumida por aquele que trata a enfermidade,

Gesteira (2004, p. 77) afirma que “O par ‘espiritual’ e ‘temporal’ forma um dos tópicos centrais dos textos do missionário [Anchieta], que além dos sacramentos

¹⁰ Os missionários, durante o século XVIII, mas com maior vigor nos séculos anteriores, estavam inseridos na encruzilhada entre sua própria tradição filosófica, a escolástica, e o novo espírito que surgia junto do Renascimento, conhecido como Humanismo. Este momento, foi marcado por uma virada nos modos de olhar e buscar compreender a natureza ao redor, motivada tanto pelo resgate dos escritos Clássicos sobre medicina (Hipócrates e Galeno), característico do momento, quanto pelas novas descobertas fomentadas pelos descobrimentos oriundos das Grandes Navegações, iniciadas no XVI. Para mais, Cf. LEITE, Bruno Martins Boto. **Mezinhas antigas e modernas: A invenção da Triaga Brasileira pelos jesuítas do Colégio da Bahia no período colonial.** Fonte: Anais do 13º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia.

ministrou serviços médicos entre o gentio, como tantos outros padres que deram continuidade à missão jesuítica até o século XVIII”. Esta centralidade pode ser compreendida como estratégia, de fato, se lembrarmos de que, a princípio, a tarefa de conversão não fora tão simples.

O processo de cura aliado à conversão foi utilizado pelos missionários quando estes perceberam que, “[...] os índios conferiam autoridade religiosa ao curandeiro da tribo [...]”, e como consequência, “[...] tentaram assumir esse papel, e, para competirem com a autoridade religiosa dos pajés, começaram a se dedicar ao atendimento médico dos índios e adaptar os rituais dos sacramentos cristãos aos usos locais” (EISENBERG, 2000, p. 61 apud GESTEIRA, 2004 p. 77).

Outro ponto que merece destaque nestas primeiras interpretações, é sobre a vida e atuação dos primeiros missionários, que também oferecem um olhar mais aprofundado sobre a forma como os jesuítas observaram, assimilaram e organizaram os saberes considerados úteis para enfrentarem os desafios da colonização. Gesteira (2004) analisando um outro manuscrito médico, datado do século XVI chamado “*Curiosidad un libro de medicina escrito por los jesuítas en las misiones del Paraguay, 1580*”, percebe a importância aferida pelo autor anônimo à figura do sábio, àquele responsável por desvendar as virtudes dos elementos naturais. Segundo a análise da autora, o Homem, para usufruir das “virtudes” oferecidas por Deus, era necessário “desvendá-las”, e neste sentido,

[a] relação entre o sujeito e o conhecimento que transparece através do jogo de correspondência entre o Criador e os objetos naturais, somada à idéia de que o sábio era um homem dotado de virtude especial que o distinguia dos demais [...] aponta para uma perspectiva do conhecimento como revelação (GESTEIRA, 2004, p. 83).

Esta percepção vai ao encontro não somente com uma característica da medicina durante a Época Moderna, sua relação de proximidade com o mundo da magia, (com a doença concebida como força sobrenatural), mas também com as disputas pela verdade inferidas contra os pajés pelos missionários, uma vez que, para a tradição indígena, curar estava relacionado à capacidade do indivíduo em se relacionar com os espíritos. Isto leva os Jesuítas a buscarem o protagonismo dos privilégios de comunicação com os espíritos, através da assimilação e reinterpretação de práticas de

cura indígenas, pelos preceitos Cristãos. Essa disputa fez com que, pouco a pouco, a figura dos pajés se aproximasse cada vez mais da figura de um feiticeiro agindo em nome do demônio (GESTEIRA, 2004).

De maneira geral, este trabalho buscou ressaltar alguns aspectos que podem trazer luz à questão levantada para a análise. Combinar a análise dessas diferentes fontes, permitiu obter uma compreensão mais aprofundada da atuação dos Jesuítas na colonização e na evangelização das populações nativas. Além disso, essa abordagem permite entender melhor as transformações que ocorreram na sociedade e na cultura das populações indígenas sob a influência dos missionários jesuítas - que, como conclui Gesteira, “[...] podemos afirmar que entre as estratégias jesuíticas de conversão, o saber médico estaria relacionado às intenções de cooptar o corpo e a alma do gentio, isto é, ao cuidado corporal soma-se o espiritual” (2004, p. 89).

Além disso, é importante ressaltar que este artigo é fruto dos primeiros resultados alcançados durante a pesquisa levada a cabo no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, e neste momento, procurou ressaltar dentro de sua atuação primeira, os aspectos intencionais postos em práticas pelos missionários, naquilo que se refere aos cuidados médicos e à sua prática interna à Ordem. Em conjunto, foi também possível perceber que parte da documentação analisada direta ou indiretamente, permite vislumbrar sobre um tipo de escrita que guarda relação com questões políticas e da ciência durante a Época Moderna (SÃO BENTO, 2015).

Sendo assim, o ponto de atenção neste artigo, focalizou o entendimento se havia intencionalidade ou não nas práticas efetivadas e construídas pelos missionários; posteriormente, em sua totalidade, pretende-se buscar a compreensão de como esta nova forma de comunicar a religiosidade cristã, cumpriu ou não o efetivo papel de conquista das almas indígenas - ou ao menos auxiliou neste processo até a expulsão da Ordem das terras brasileiras, em 1759.

REFERÊNCIAS

ABREU, Jean Luiz Neves. Prédicas para a alma e o corpo: algumas questões para a compreensão da doença no contexto luso-brasileiro do século XVIII. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 9, n. 17, p. 118-137, 2017.

ABREU, Jean Luiz Neves. **O corpo, a doença e a saúde**: o saber médico luso-brasileiro no século XVIII. Tese (Doutorado em história). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2006.

BOURDIEU, Pierre et al. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

BOURDIEU, Pierre et al. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo, SP: Perspectiva, 2007.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. Uma **história social da mídia**: de Gutenberg à Internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

CALAINHO, Daniela Buono. Jesuítas e medicina no Brasil colonial. **Tempo**, v. 10, n. 19, p. 61-75, 2005.

CALAINHO, Daniela Buono. Farmacopeia e drogas medicinais no mundo luso-brasileiro setecentista. **Anais de História de Além-Mar**, v. 7, 2007.

CASTELNAU-L'ESTOILE, C. de. **Operários de uma vinha estéril**: os jesuítas e a conversão dos índios no Brasil 1580-1602. Bauru: Edusc, 2006.

CONSTITUIÇÕES da Companhia de Jesus e normas complementares. São Paulo: Loyola, 2004. Disponível em:
https://books.google.pt/books?id=TF3d94YuJYoC&pg%20=PA19&hl=ptPT&source=gbs_toc_r&cad=4#v=onepage&q&f=false. Acesso em 09 fev., 2023.

DIAS, José Pedro Sousa. **Droguistas, boticários e segredistas**. Ciência e sociedade na produção de medicamentos na Lisboa de setecentos. Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2007.

GESTEIRA, Heloisa Meireles. **A cura do corpo e a conversão da alma**: conhecimento da natureza e conquista da América, séculos XVI e XVII. *Topoi* (Rio de Janeiro), v. 5, n. 8, p. 71-95, 2004.

KURY, Lorelai Brilhante (Ed.). **Usos e circulação de plantas no Brasil**: séculos XVI a XIX. Andrea Jakobsson Estúdio, 2014.

LEITE, Bruno Martins Boto. Mezinhas antigas e modernas: A invenção da Triaga Brasileira pelos jesuítas do Colégio da Bahia no período colonial. **Anais do 13º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia**.

LEITE, Bruno Martins Boto. **Medicina de padre**: estudo sobre os fundamentos culturais da medicina jesuítica no Brasil Colonial. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2011.

LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1956

LEITE, Serafim. **Artes e ofícios dos Jesuítas no Brasil, 1549-1760**. Sebo Vermelho, 1953.

MARQUES, Vera Regina Beltrão. **Natureza em boiões**: medicinas e boticários no Brasil setecentista, v. 1, 1999.

RICOEUR, Paul. **Interpretação e Ideologias**. Tradução de Hilton Japiassu. 1977.

RICOEUR, Paul. **História e verdade**. Companhia Editora Forense, 1968.

SÃO BENTO, Viviane Machado Caminha; DOS SANTOS, Nadja Paraense. Jesuítas e ciência: a produção de medicamentos através da Coleção de Varias Receitas de 1766. **Revista Maracanan**, n. 13, p. 146-157, 2015.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 2011.

VEYNE, Paul Marie. **Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história**. 4ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 1998.

VIOTTI, Ana Carolina de Carvalho. **As práticas e os saberes médicos no Brasil colonial (1677-1808)**. São Paulo: Alameda, 2017.